

CADERNOS

25

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO

Especial Literatura da Guiana Francesa



Entrevistas com Catherine Le Pelletier, Élie Stephenson,
e Odile Pedro Leal

Literatura da Guiana Francesa:

Introdução ao regaço lítero-franco-amazônico

Dennys Silva-Reis (UFAC)
Rosária Costa Ribeiro (UFAL)

Resumo: Nesta edição da *Cadernos de Literatura em Tradução* em que buscamos conhecer e reconhecer a literatura guianense, apresentamos trabalhos que recobrem, se não totalmente, dada a impossibilidade da tarefa, um bom recorte dessa ilustre quase desconhecida dos estudos acadêmicos e dos leitores de nosso país. Neste volume, contamos com artigos, traduções e entrevistas a respeito da literatura guianense em três gêneros literários: poesia, teatro e narrativa.

Nosso objetivo é, ao longo das leituras aqui propostas, fortalecer os laços e trabalhos já existentes, bem como proporcionar ao neófito e à neófita um panorama mínimo da riqueza caleidoscópica da literatura da Guiana Francesa. Literatura esta que possui muitos pontos de contato com a literatura brasileira, ao mesmo tempo que guarda traços próprios bem característicos.

A Guiana Francesa, por incrível que pareça, não é um país. Esse Departamento Ultramarino é França, ou melhor, é um pedaço do Hexágono perdido e, por que não, esquecido na América do Sul. Se para a própria França escrever e descrever essa região é novidade, para o Brasil – que, por sinal, é seu vizinho – é ainda ato virginal. Em termos literários, conhece-se muito mais da França do que desse cantinho francês ao lado do Oiapoque.

Mesmo tão próxima do Brasil, a Guiana Francesa é uma desconhecida. Talvez, nos anos 1970, os mais antigos possam se lembrar do filme *Papillon* estrelado pelos atores Dalton Trumbo e Lorenzo Semple Jr., audiovisual que trazia às telas a adaptação da “biografia” homônima de Henri Charrière – o prisioneiro mais conhecido das prisões forçadas da Guiana. Naquela época, por conta desse filme, esse canto da Guiana recebeu um foco, mais especificamente, sobre este passado

sombrio que poucos rememoram na história francesa: *les bagnes*. A tradução desse livro circula no Brasil até os dias de hoje.

Do ponto de vista da vizinhança, é impossível esquecer que quem mora (ou morou) na região Norte do Brasil sempre ouve (ou ouviu) falar do El Dorado guianense. De fato, na segunda metade do século XX, teve início um enorme fluxo migratório de brasileiros para a Guiana Francesa, em busca de ouro e de enriquecimento – o que ocasionou o surgimento e a consolidação dos garimpos ilegais e do escravidão moderno em muitas fazendas amazônicas (FOUCK, 2002). A cantora Lia Sophia é um dos frutos de pais brasileiros que tentaram a vida lá, mas voltaram ao Brasil. A cantora é nascida na Guiana Francesa, mas não fala francês e mora no Brasil.

De fato, em determinada época da história, parte do Brasil (no Amapá) e a Guiana Francesa se tornaram uma importante república de refúgio de negros e imigrantes libertos da escravidão na região Amazônica: a República do Cunani. De 1882 a 1912, o não reconhecimento desse território – nem pelo Brasil e nem pela França –, fez da Guiana, por alguns anos, uma região amazônica de língua francesa independente (ABBAL, 2016). Entretanto, a República do Cunani não é um fato isolado: esse episódio é só mais um no conflito conhecido como “O Contestado Franco-brasileiro” ou Questão do Amapá, disputa territorial iniciada por França e Portugal, em 1713, e herdada pelo Brasil independente. Esse conflito diplomático só se encerrou em 1895, com desfecho favorável ao Brasil. Segundo Granger (2012):

O conflito e a história dolorosa não assumida até hoje na Guiana francesa explicam o longo afastamento que conheceu esse departamento francês de ultramar em relação ao Brasil, com o qual a França sempre compartilhou relações calorosas, mas que nunca passaram pela Guiana, apesar da fronteira com o Brasil constituir a maior fronteira terrestre da França. (GRANGER, 2012, p. 21).

Esse episódio é uma das temáticas abordadas pelo romance *Saraminda* publicado, em 2000, por José Sarney. A obra conta a história da jovem Saraminda, uma prostituta guianense que vai viver no garimpo do Contestado. Assim, os elementos que envolvem o Contestado Franco-Brasileiro ganham espaço na obra, numa imbricada relação com as personagens:

Clément Tamba estava contagiado pela aventura, mas era um homem de negócios realista, que sabia ver longe. Não era nenhum patriota nem estava

interessado nas disputas territoriais francesas, apenas desejava que o comércio de Caiena se expandisse com nova fonte, abrindo outro futuro.

– O que nós queremos da França? A França nos abandonou. Só prestamos para abrigo de criminosos. Eles não gostam dos *créoles*, que insultam como fez o sábio Coudreau, mas nós somos pretos franceses – disse Jean-Pierre, que era vendedor de fumo e açúcar, negociante na área do Cépérou.

– Os metrô vão gostar e apoiar – retrucou Tamba –, porque nós vamos dar a eles um território que é um terço da França, rico de matas, de ouro e de tudo. Só vendo como é rico o Mapá...

E fez um gesto espetacular para impressionar a todos.

– Tem tanto ouro no Mapá que eu – levantou-se, foi ao quarto de novo e trouxe uma espingarda velha de caça que colocou sobre a mesa e continuou – que eu trouxe esta espingarda para mostrar a fartura. (SARNEY, 2006, p. 29).

Com o final do conflito, os vínculos entre brasileiros e guianenses continuaram, e continuam, na região amazônica, porém, quando falamos de relações que extrapolam esse contexto imediato, o que se pode perceber na maior parte do tempo é o que descreve Granger (2012): liames que são intermediados pela França. Em geral, nossas trocas com a Guiana Francesa, quando existem, acabam passando pelo filtro da metrópole, o que deixa em segundo plano nosso passado e raízes compartilhadas, nosso presente construído à base de fluxos migratórios, culturais e artísticos, e projeta um futuro em que essas trocas continuam sendo feitas sobre as mesmas bases europeias.

Assim, nesta edição da *Cadernos de Literatura em Tradução* em que buscamos conhecer e reconhecer a literatura guianense, apresentamos trabalhos que recobrem, se não totalmente, dada a impossibilidade da tarefa, um bom recorte dessa ilustre quase desconhecida dos estudos acadêmicos e dos leitores de nosso país. Neste volume, contamos com artigos, traduções e entrevistas a respeito da literatura guianense em três gêneros literários: poesia, teatro e narrativa.

Nosso objetivo é, ao longo das leituras aqui propostas, fortalecer os laços e trabalhos já existentes¹, bem como proporcionar ao neófito e à neófita um panorama mínimo da riqueza caleidoscópica da literatura da Guiana Francesa. Literatura esta

1 São poucos e dispersos. Entretanto, convém mencionar que a nível de pós-graduação há somente uma dissertação de mestrado publicada no Brasil em 2019 intitulada *Construção da identidade e da alteridade em processo pós-colonial: A escravidão contada à minha filha* (2002), de Christiane Taubira (2019) de Maria Vagneide de Oliveira Ferreira.

que possui muitos pontos de contato com a literatura brasileira, ao mesmo tempo, que guarda traços próprios bem característicos. Ela encontra-se em um momento de grande busca identitária e descoberta por parte dos pesquisadores e interessados em cultura literária latino-americana (SILVA-REIS, 2021a).

Um fato interessante em meio a tantas semelhanças entre nossa literatura e a de nossa vizinha é que temos um mesmo começo: a literatura em prosa guianense também é marcada em seus primórdios por uma literatura de viajantes, sobretudo de sua metrópole, em busca de divulgar ou registrar os novos domínios (LE PELLETIER, 2014). A prosa ficcional guianense mais recente é marcada por textos enraizados no passado e na espacialidade, pela relação entre homem e natureza, por referências à vida cotidiana, em especial o carnaval. A maioria dos críticos literários divide a literatura em prosa guianense em dois grupos principais: a) *textos militantes*, caracterizados pela reivindicação identitária, denúncia da escravidão, denúncia da colonização, e assimilacionismo; e b) *textos regionalistas* em que sobressaem o elogio ao país natal, à natureza, às riquezas naturais, ao folclore, indo além da cor local.

A literatura guianense também é marcada por sua relação com a literatura oral, ou a Oralitura. Nascendo em geral de produções em *créole*, crioulo guianense, língua falada nas residências do Departamento, a oralitura pode ser vista como combate à colonização ao valorizar a produção literária dos povos de origem africana e indígena. As principais formas que compõem essa produção literária são contos, fábulas, adivinhações, canções sagradas, cantigas de roda, lendas e provérbios (*dolos*) (NDAGANO, 1996).

Outra marca da literatura da Guiana Francesa, herança da oralitura, é o movimento entre personagens, enredo e narrador, e a imprecisão que marcam tempo e espaço. O narrador raramente é uma personagem, apesar de desempenhar um papel questionador e figura principal do conto. Não se confundindo com o protagonista. Aqui podemos aproximar o narrador do próprio *conteur*, figura principal e presente na literatura oral. Por fim, chamamos a atenção para o pacto ficcional que é selado entre os ouvintes e o próprio *conteur*, com o *Krik-krik*.

Já sobre o romance, retomamos o fato de que a prosa guianense tem origens muito parecidas com as brasileiras. Os primeiros registros se caracterizam pela literatura de viajantes franceses, entre os séculos XVI e XIX. Muitos desses são textos marcados por estereótipos e uma visão negativa que ecoará nos escritos de alguns guianenses já no século XX, como é o caso de *Je suis un civilisé*, de Whily-teel, 1943 (LE PELLETIER, 2014, p. 127). Outras características desse tipo de literatura é a valorização da civilização europeia, atribuindo superioridade ao colonizador,

inferiorizando aqueles que não fizessem parte do conceito civilizatório propagado. Assim como no caso do Brasil, as formas dessa prosa variam muito: cartas, diários, relatórios, etc., servindo mais como fonte de documentação histórica, em uma construção do enredo totalmente dependente da jornada, com pouco valor artístico. Desses fatos, resultam obras muito distintas entre si, mas com um ponto em comum: sempre têm uma jornada, tempo e espaço com marcadores bem definidos e deslocamento físico. Podem ser ficcionais ou não, e marcam um olhar subjetivo do viajante, envolvendo exotismo, expansão imperialista, promessa de aventura e também aquilo que conhecemos hoje, como a indústria do turismo. Alguns dos autores guianenses que seguem essa vertente são: Antoine Biet, Pierre Malouet, Frédéric Bouyer, Raymond Maufrais, Jacques Perret.

No final do século XIX, surge aquele que será considerado pela Crítica Literária o primeiro romance guianense e a primeira obra em crioulo, *Atipa*, de Alfred Parépou. Escrito em crioulo guianense, sob um pseudônimo, em uma obra autodenominada como romance, mas que consiste na mistura de diversos gêneros textuais. Vemos nesse romance de 1885 já a presença da questão identitária e de críticas a aspectos da vida na Guiana dominada pelos colonizadores europeus (FAUQUENOY, 1989). Já em romances guianenses do século XX e XXI, estes são de tendência neorrealista e hiper-realista, retratando o mundo tal como ele é, a partir de temas cotidianos como a miséria, mentira, incesto, etc. Outro aspecto que se destaca é a presença de uma diglossia, o francês e o crioulo guianense. Os principais nomes desse período vão desde René Maran², prêmio Goncourt de 1921 com *Batoualá, verdadeiro romance negro*, a René Jadfard, Bertène Juminer, Serge Patient, Lyne Marie Stanley, Françoise Loe-Mie, André Paradis, e Christiane Taubira, mais recentemente, com seu *Gran Balan*, de 2020.

Nota-se que são os romances as únicas pistas desta literatura no Brasil. Efetivamente, alguns foram traduzidos: *Djumá, cão sem sorte* (1934) de René Maran – tradução de Aristides Avila, *O escravo do governador* (2005) de Serge Patient – tradução de Paulo Wislyng –, e *Saudade do futuro – uma tetralogia brasileira em quatro atos* (2019) de Joël Roy – tradução de Martha Cimiterra –, e *Pastel de Belém* (2018), Catherine Le Pelletier – tradução de Vera Pereira. O romance de René Maran ficou tão célebre à época no Brasil que certos críticos cogitam que a criação da personagem Baleia, em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, tem uma

2 Em 2021, a revista *Lettres Française* dedicou o número 22 ao escritor guianense René Maran com artigos oriundos do colóquio *CLEF Colóquio de Literaturas e Estudos Francófonos – com o tema René Maran e a Guianidade*, organizado por Danielle Grace et Denny Silva-Reis.

relação direta com a tradução brasileira de *Djumá, cão sem sorte* (SILVA-REIS, 2021b). Se por um lado esse romance de um autor negro foi traduzido no Brasil, de outro um dos autores guianenses conhecidos por fazer parte do movimento da Negritude – junto à Aimé Césaire – ainda é totalmente ignorado. Trata-se de Léon Gontran-Damas.

No que tange ao gênero teatral, o teatro amazônico em si já é de “quase total” desconhecimento na Academia (enquanto texto literário); sendo este estrangeiro, torna-se mais incógnito ainda. Efetivamente, tanto o teatro *créole* (Constantin Verderosa e Rosange Blerald) quanto o teatro em língua francesa da Guiana (Élie Stephenson, Odile Pedro Leal, Emmelyne Octavie, Marie-Thérèse Picard, dentre outros) são desconhecidos no Brasil. Mesmo a grande escola de teatro premiada pela ONU *Théâtre école Kokolampoe* é ignorada no Brasil. Esta escola tenta estabelecer, da Região para o mundo, o chamado *teatro equitável* – o respeito aos ritos e cenas do lugar com abertura ao mundo.

Assim como a prosa, o teatro guianense busca retratar uma cultura própria, pouco presente nas produções editoriais que circulam no Departamento, caracterizadas por se concentrarem na Cultura, na História e nas Artes da França metropolitana. Dessa forma, o carnaval, o teatro da vida cotidiana, o teatro *caché-montré* de Odile Pedro Leal, as representações de D’Chimbo, como *La nouvelle légende de D’Chimbo* de Élie Stephenson, a periferia de Caiena, a própria floresta amazônica, suas cidades e peculiaridades, a representação das diversas culturas que compõem a Guiana Francesa, a questão da assimilação cultural pela metrópole, todos esses são elementos muito presentes nas obras dramáticas. Eles buscam suprir uma necessidade de autorrepresentação importante para a construção da identidade guianense na literatura.

Em 2021, a Guiana Francesa perdeu um grande nome de sua poesia e de sua vida política, Serge Patient – ativista pela causa independentista da Guiana. Suas duas antologias, *Mal du pays* (1967) e *Guyane pour tout dire* (1986), trazem a literatura militante e bela – ainda ignorada pelo público brasileiro. Quanto à poesia guianense, inúmeros são os poetas desta terra, inclusive com sangue brasileiro como Assunta Renau Ferrer. Pela sua pouca necessidade de espaço para publicação, a literatura publicada na Guiana Francesa começa pela poesia (GNALÉGA, 2016). Inúmeras são as revistas e locais de publicação na Guiana em que a poesia encontra um espaço para circular e oxigenar essa literatura rica, mas com poucos recursos de difusão. A título de exemplo, alguns poetas: Alice Bonneton, André Bonneton, Marie-France Duparl-Danaho, Raoul-Philippe Danaho, Ismaÿl Urbain, Isaïe Wacapou, Eugénie Rézairé, dentre outros.

Em igualdade com as demais produções, a poesia guianense é atravessada pela oralitura. Os *dolos*, os *seketis songs*, as cantigas estão sempre presentes nas obras, que também retomam a prática dos *conteurs*. Porém, é na busca por traduzir o sentimento de guianidade e por almejar suas origens, sobretudo as africanas, que a poesia guianense ganha força. É aqui que o nome de Léon-Gontran Damas sobressai, e nos lembra que a Guiana também está na base do movimento da Negritude, com o próprio Damas, mas também com o resgate de René Maran (BLÉRALD; LONY; GYSSELS, 2014).

O presente número é símbolo de um olhar para nossa vizinha, mas também para se pensar numa maior integração latino-americana no que tange ao âmbito literário e à união de pensadores, pesquisadores e escritores. Adentrar à literatura, à cultura guianense, é também uma forma de conhecermos, e reconhecermos, nossa cultura, nossa literatura, principalmente aquela cultura brasileira que estabelece fortes laços com a cultura, literatura e com a vida cotidiana guianense, muito mais do que acreditamos ou temos conhecimento nos grandes centros do país. Os estudos francófonos no Brasil se expandem cada vez mais para regiões tão geograficamente distantes do Hemisfério Sul que em um olhar mais próximo pode assustar e causar espanto. Contudo, a união faz a força. A junção, a combinação, a fusão de discursos só trazem vigor para a literatura, a pesquisa e o corpo acadêmico latino-americanos.

Agradecemos de antemão a todos os colaboradores e a todas as colaboradoras – professores, estudantes, tradutores – e aos autores e às autoras dos textos aqui publicados. Também somos gratos e gratas à toda equipe da *Cadernos de Literatura em Tradução*, em nome do professor John Milton, pelo espaço cedido a este número. Que esse possa ser apenas o início de uma longa troca, de uma coligação de saberes literários mediados pela tradução em língua portuguesa entre Guiana Francesa e Brasil. Aos leitores, bons estudos e boas leituras!

Referências bibliográficas

- ABBAL, Odon. *Un rêve oublié entre la Guyane et le Brésil: la République du Counani*. Matoury- Guyane: Ibis éditions, 2016.
- BLÉRALD, Monique; LONY, Marc; GYSSELS, Kathleen (eds.). *Léon-Gontran Damas: Poète, écrivain patrimonial et postcolonial*. Matoury: Ibis Rouge, 2014.
- CHARRIÈRE, Henri. *Papillon – o que fugiu do inferno*. Sem nome do tradutor. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1974.

FAUQUENOY, Marguerite. *Atipa revisité ou les itinéraires de Parépou*. Paris: Éditions l'Harmattan, 1989.

FOUCK, Serge Mam Lam. *Histoire générale de la Guyane Française*. Matoury-Guyane: Ibis éditions, 2002.

GNALÉGA, René. (avec la collaboration de Sylviane Beaufort). *Anthologie de la poésie guyanaise d'expression française: de René Maran aux années 2010*. Paris: Riveneuve, 2016.

GRANGER, Stéphane. O Contestado Franco-Brasileiro: desafios e consequências de um conflito esquecido entre a França e o Brasil na Amazônia. *Revista Cantareira*. Ed. 17. julho-dezembro, 2012. pp. 21-39.

LE PELLETIER, Catherine. *Littérature et Société: La Guyane*. Matoury: Ibis Rouge, 2014.

NDAGANO, Biringanine; BLÉRARD-NDAGANO, Monique. *Introduction à la littérature guyanaise*. Guyane: CDDP, 1996.

SARNEY, José. *Saraminda*. São Paulo: Arx, 2006 (edição revista).

SILVA-REIS, Dennys. Ecos de René Maran na intelligentsia brasileira (1921-1955) contatos, recepção e tradução. *Lettres Françaises*. N. 22. V. 2, Agosto-Dezembro/2021b. pp. 423-440.

SILVA-REIS, Dennys. Sobre a guianidade literária de expressão francesa – prelúdio temático. *Revista Communitas*. v. 5, n. 10, Abril-Junho/2021a. pp. 79-92.